



# MATEMÁTICA DIVERTIDA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO SOB O OLHAR DE EGRESSAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

GT 8: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

**Relato de experiência**

Cácia Aparecida GONÇALVES (Graduada em Pedagogia e Acadêmica do Curso de Biblioteconomia/UDESC)

kacyag8@gmail.com

Elisandra da Silva ALVES (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

elisandra.alves88@gmail.com

## 1 Introdução

Este relato é resultado das experiências vivenciadas no estágio supervisionado do curso de licenciatura em pedagogia da UAB/UDESC de Lages-SC, o qual foi realizado no ano de 2017 durante o segundo semestre na Escola Municipal de Educação Básica Frei Bernardino na cidade de Lages-SC. As estagiárias trabalharam com a turma de segundo ano do Ensino Fundamental realizando diferentes atividades com destaque aos conteúdos de soma e multiplicação.

A proposta do estágio foi promover práticas pedagógicas que potencializassem a aprendizagem, apresentando a matemática de uma forma mais divertida, menos abstrata e mais instigante. De forma que os conteúdos a serem trabalhados durante a intervenção do estágio supervisionado foram definidos com a professora regente da turma considerando as dificuldades apresentadas por eles na disciplina de matemática.

A intervenção foi cuidadosamente planejada por meio da elaboração de sequência didática que contemplou os conteúdos de adição e multiplicação. Pensamos e organizamos as dinâmicas da intervenção com a utilização de materiais manipuláveis e atividades práticas nas quais a aprendizagem se deu em movimento.

Para melhor compreensão da contribuição da intervenção realizada, elaboramos as seguintes questões de investigação:

Quais as contribuições da intervenção realizada para a aprendizagem de matemática dos alunos do segundo ano? Quais as percepções das egressas sobre a intervenção realizada?

Realização



Este relato considerou o contexto de aprendizagem individual, a interação com os pares e reflexão das egressas sobre a experiência vivenciada e as contribuições para a sua formação de licenciadas.

Quanto ao ensino procuramos desenvolver atividades de forma prática, considerando os conhecimentos prévios dos discentes e as potencialidades proporcionadas pelos materiais selecionados por nós para a intervenção.

Apresentada a proposta desse relato partimos para a intervenção realizada e a reflexão sobre suas contribuições para os discentes envolvidos e para nós hoje no contexto de egressas.

## **2 Matemática divertida no segundo ano**

Com a realização da leitura de contexto e sob orientação da professora regente da turma do segundo ano, elaboramos a sequência didática para realização da intervenção referente ao nosso estágio supervisionado. Precisávamos desconstruir a aversão que os discentes possuíam da matemática, apontada pela professora e também observada por nós durante a leitura de contexto.

A proposta era trabalhar de forma interdisciplinar, mas com foco no ensino de matemática, todavia aqui neste relato vamos nos ater mais a parte específica de matemática, foco deste trabalho.

A intervenção teve início com atividades de autobiografia, autorretrato e proposta de desenhar o caminho de casa até a escola. Durante a realização das atividades procuramos incentivar os alunos para que refletissem sobre a presença da matemática em suas vidas. Em um outro momento foi realizada a socialização, momento no qual a maioria dos discentes comentou suas atividades, exceto dois deles que, ficaram tímidos e não quiseram participar.

Quando planejamos as atividades tínhamos como objetivo possibilitar que os alunos expressassem suas produções utilizando dados matemáticos, porém elas apresentaram mais seus desejos pessoais e sonhos. A socialização gerou comentários e revelou que muitos alunos não sabiam que eram vizinhos, moravam no mesmo bairro, foi um momento que promoveu uma troca enriquecedora, onde puderam desenvolver criatividade, autonomia e o exercício de superar a timidez.

Como estratégia para despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes pela matemática levamos uma caixa da matemática para a sala de aula, que mais tarde recebeu o apelido de “caixa mágica”, pelos discentes. A estratégia gerou grande expectativa e curiosidade, pois diariamente eles perguntavam o que tinha na caixa. Isso nos desafiou a trazer novidades durante os encontros, sempre com intencionalidade pedagógica e relacionadas ao planejamento. Passos (2006, p.5) define materiais manipuláveis como:

[...] Objetos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objetos reais que têm aplicação no dia a dia ou podem ser objetos que são usados para representar uma ideia. [...] Os materiais manipuláveis são caracterizados pelo envolvimento físico dos alunos numa situação de aprendizagem ativa.

**Figura 1 – Apresentação da caixa da matemática**



**Fonte:** Autoria própria (2017).

Aproveitamos a apresentação da “caixa da matemática”, para explicar como poderiam utilizar material dourado e ábaco para resolver operações básicas, durante as atividades dividimos os discentes em grupos e distribuimos material dourado para que pudessem realizar os cálculos propostos. Para atividades envolvendo multiplicação, também utilizamos tampinhas de garrafa pet. Nas atividades de divisão, utilizamos um relógio cuco e uma caixa de ovos para exemplificar a realização. Outra atividade realizada foi o mosaico de multiplicação, desenhado em papel pardo, onde os alunos sorteavam operações para resolver e preencher o mosaico.

**Figura 2 – Mosaico da multiplicação**



**Fonte:** Autoria própria (2017).

Em outro momento realizamos a contação da história “As centopeias e seus sapatinhos”, a proposta foi trabalhar a matemática de forma interdisciplinar e também abordar a importância do respeito ao próximo. Com a contação da história incentivamos a discussão sobre a moral e o ambiente que vivem as centopeias. Durante a contação foram utilizadas uma centopeia de feltro e fantoches para representar os personagens. Os discentes manusearam os fantoches, e a centopeia de feltro e interagiram durante a contação da história.

Segundo Gouvêa (2011, p. 34), “Vigotsky pesquisou e observou que atividades lúdicas são muito importantes para o desenvolvimento, pois, além de serem prazerosas tendem a ampliar a zona de desenvolvimento proximal dos alunos ao participarem da atividade”.

Cabe salientar que utilizando atividades práticas é possível aproximar os alunos dos conceitos que quando abordados de outra forma pareciam-lhes muito abstratos e de difícil compreensão. Instigar e despertar a curiosidade dos discentes é um pontapé inicial para que eles se tornem sujeitos de sua aprendizagem, adquiram autonomia e gostem de estudar, fator que pode ser decisivo para a construção de conhecimentos.

Assim, entendendo que as atividades humanas ocorrem com o auxílio de instrumentos mediadores, a utilização de materiais manipuláveis potencializa o ensino, à medida que auxilia os discentes na compreensão por tornar a matemática mais visual.

[...] Os recursos didáticos nas aulas de matemática envolvem uma diversidade de elementos utilizados principalmente como suporte experimental na organização do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, considero que esses materiais devem servir como mediadores para facilitar a relação professor/aluno/conhecimento no momento em que um saber está sendo construído. (PASSOS, 2006, p. 78).

Quase finalizando a nossa intervenção realizamos a gincana de matemática, os discentes foram divididos em cinco equipes. A gincana incluiu a etapa de confecção de aventais com cores diferentes para cada equipe. Um dos meninos ficou incomodado por estar na equipe rosa. O fato desencadeou uma discussão sobre gênero e cores. Citamos exemplos para demonstrar que a cor rosa não é exclusiva para meninas. Com a atividade de criação do grito de guerra das equipes houve certa agitação, os discentes ficaram eufóricos e precisamos lembrá-los de manter o foco na atividade proposta.

A realização de atividades em colaboração promove mais potencialidade para aprendizagem considerando que ao contar com a ajuda de outro/s podemos desenvolver novos conhecimentos reais, conforme a teoria de Vygotsky (2007).

**Figura 3 – Discentes em atividade durante a gincana**



**Fonte:** Autoria própria (2017).

Durante a realização da gincana percebemos que a turma estava mais ágil do que quando iniciamos a intervenção, o que exigiu que revisássemos as atividades planejadas. Concordamos com Freire (1991, p.58), que: “ninguém começa a ser educador numa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, agente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Na época foi um desafio para nós, mas no processo de agir e refletir sobre a prática acreditamos ter atingido nosso objetivo de que os discentes aprendessem tornando a matemática mais divertida. Concordamos com Josso (2004, p.214) que: “[..] aprendo com o que cria ou criou ‘experiência’ para mim, daí extraio ‘alguma coisa’, algo que passo a guardar comigo, cuja evocação me pode permitir uma retomada, uma reinterpretação e que serve de referencial para a minha ação ou pensamento”.

No último dia de intervenção, foi dia de confraternização com uma apresentação de fotos das atividades realizadas e a entrega de premiação da gincana de matemática, além de uma mensagem de agradecimento aos alunos.

### **3 Considerações finais**

Analisando a experiência vivenciada durante o estágio supervisionado, agora com o olhar não apenas de estagiárias, mas também de egressas do curso de licenciatura em pedagogia, podemos afirmar que o cotidiano de sala de aula apresenta muitos desafios.

Compreendemos a importância do planejamento por parte do professor que deve adequar a metodologia a realidade dos discentes. Ficou evidente que o planejamento é uma ação que



necessita de reflexão e pesquisa não pode ser tratado como uma atividade estática e imutável, mas deve estar em constante movimento e reformulação.

Destacamos que os materiais manipuláveis e as atividades desenvolvidas despertaram a curiosidade e interesse dos discentes pelos conteúdos e a prática desenvolvida enriqueceu nossos estudos pedagógicos enquanto acadêmicas na época, pois entendemos na prática os conteúdos teóricos estudados na licenciatura, considerando que é na prática que a teoria ganha vida e aplicabilidade.

A prática de sala de aula no estágio supervisionado nos possibilitou vivenciar a realidade de um espaço escolar em sua multiplicidade de sentidos, compreender a importância do olhar atento as necessidades, dificuldades e potencialidades manifestadas pelos alunos. Entender que ser professor é um constante exercício de planejar e replanejar e que a dinâmica da sala de aula é um espaço de construção de conhecimento, mas também de identidades.

## Referências

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GOUVÊA, Gisele Renata (org.); et al. **Psicologia na educação II**: caderno pedagógico. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSOS, C. L. B. **Materiais manipuláveis como recurso didático na formação de professores**. In: LORENZATO, S. (ED) O laboratório de ensino de matemática na formação de professores. São Paulo: Autores Associados, p. 77-92, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.